



Curso online ao vivo
de curta duração

TRADIÇÃO ORAL E LITERATURA

Facilitadoras:
Camila Leite e Érica Verçosa

Ter e Qui
23.fev a 18.mar
18h às 20h

TRADIÇÃO ORAL





















































Amadou Hampatê Bâ

Nascimento: 1901, Bandiagara, Mali

Falecimento: 15 de maio de 1991, Abidjã, Costa do Marfim

O mestre da tradição oral africana que, nos últimos anos de sua vida, fez repousar, sobre as páginas de sua autobiografia, as histórias vivenciadas desde a sua infância até sua juventude: Amkoullel, o menino fula. Baseado nas lembranças faz um relato de fatos memoráveis que marcaram sua trajetória, e embora publicados a título póstumo, eternizaram a força da palavra na tradição oral africana. Bâ (2003), como um “homem de conhecimento”, lança um olhar sobre a África que se move de dentro para fora e focaliza toda a diversidade e riqueza que compunham suas experiências infanto-juvenis.

Se formulássemos a seguinte pergunta a um verdadeiro tradicionalista africano: “O que é tradição oral?”, por certo ele se sentiria muito embaraçado.

Talvez responderia simplesmente, após longo silêncio: “É o conhecimento total”. O que, pois, abrange a expressão tradição oral? Que realidades veicula, que conhecimentos transmite, que ciências ensina e quem são os transmissores?

(Amadou Hampatê Bâ)

A tradição oral está pautada na herança de conhecimentos de toda espécie, que são pacientemente transmitidos de boca a ouvido ao longo dos séculos.

A tradição oral baseia-se em certa concepção do homem, do seu lugar no mundo. (Amadou Hampatê Bâ)

A tradição oral é a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertam a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Na tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. (Amadou Hampatê Bâ)

Entre as nações modernas, onde a escrita tem precedência sobre a oralidade, onde o livro constitui o principal veículo da herança cultural, durante muito tempo julgou-se que os povos sem escrita eram povos sem cultura.

(Amadou Hampatê Bâ)

Daniel Munduruku

Belém, 28 de fevereiro de 1964, é um escritor e professor brasileiro. Pertence à etnia indígena Munduruku.

Graduou-se em filosofia, história e psicologia pela Universidade Salesiana de Lorena - UNISAL. Fez mestrado e doutorado em Educação pela USP e pós-doutorado em Linguística pela UFSCar. É Diretor-Presidente do Instituto Uk´a - Casa dos Saberes Ancestrais. É autor de 54 obras, sendo a maioria classificada como literatura infanto-juvenil. Extremamente engajado no movimento indígena brasileiro. É membro da Academia de Letras de Lorena. Recebeu a Comenda do mérito cultural por duas vezes. Já recebeu vários prêmios no Brasil e no exterior: Prêmio Jabuti, da Academia Brasileira de Letras (ABL), Prêmio Érico Vanucci Mendes (CNPq), Tolerância (UNESCO). Muitos de seus livros receberam o selo Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ. Nas eleições de 2020 foi candidato a prefeito na cidade de Lorena.

A portrait of Daniel Munduruku, a smiling man with long dark hair, wearing a pink t-shirt, a red headband, and a necklace made of white teeth. He is sitting in front of a bookshelf filled with colorful books. The background is slightly blurred.

<http://danielmunduruku.blogspot.com/p/daniel-munduruku.html>

Este alfabeto, que a natureza teima em manter vivo; esta escrita invisível aos olhos e coração do homem e da mulher urbanos, tem mantido as populações indígenas vivas em nosso imenso país. Esta escrita fantástica tem fortalecido pessoas, povos e movimentos, pois traz em si muito mais que uma leitura do mundo conhecido...Traz também em si todos os mundos: o mundo dos espíritos, dos seres da floresta, dos encantados, das visagens visagentas, dos desencantados. Ela é uma escrita que vai além da compreensão humana, pois ela é trazida dentro do homem e da mulher indígena. E neste mundo interno, o mistério acontece com toda sua energia e força. (Daniel Munduruku)

Dizem os antigos que tudo é uma coisa só, tudo está em ligação com tudo, e que nada escapa à trama da vida.

Segundo os conhecimentos tradicionais, cada coisa existente - seja uma pedra, uma árvore, um rio ou um ser humano - é possuidora de um espírito que a anima e a mantém viva e nada escapa disso. Dizem ainda que é preciso reverenciar a terra como uma grande mãe que nos alimenta e nos acolhe e que ninguém foge ao seu destino. (Daniel Munduruku)

Recordo também o que o velho Apolinário receitava quando queria reforçar nas crianças a necessidade de se voltarem para a tradição. Com os olhos inflamados por um estranho estado de êxtase, recomendava: “Se vocês quiserem saber como foi o começo de tudo, perguntem ao nosso irmão mais velho, o fogo; se quiserem entender onde mora a alegria, pergunte à água cristalina, pois ela vem da fonte da alegria; querendo saber as notícias dos espíritos, questionem o irmão vento, pois ele vem de longe; se quiserem saber qual foi o som da criação, pergunte à Mãe Terra, pois ela tudo gerou.”

(Daniel Munduruku)

As sociedades tradicionais são filhas da memória e a memória é a base do equilíbrio das tradições. A memória liga os fatos entre si e proporciona a compreensão do todo. Para compreender a sociedade tradicional indígena é preciso entender o papel da memória na organização da trama da vida. É comum as pessoas perguntarem sobre o que é a vida para um povo indígena e eu já me atrevi a dizer que o nativo não faz esse tipo de questionamento. As conjecturas trazem consigo a angústia. No pensar de um povo existe o presente e tudo o que o presente acarreta como custo benefício.

(Daniel Munduruku)

O presente, no entanto, está atrelado ao passado.

Não a um passado físico, mas a um passado memorial, dos feitos criadores, dos heróis e do início dos tempos. Esta memória é reinventada no cotidiano para que todos possam caminhar conforme os ensinamentos, as regras de conduta e os valores individuais e sociais que regem a sociedade. Viver, é portanto, ter os pés assentados no agora e o pensamento e o coração amarrados na Tradição, sabendo, inclusive, que nossa permanência na Terra é uma dádiva. (Daniel Munduruku)



Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, Isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. Quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas. Isso, pelo menos, é o que prevalece na maioria das civilizações africanas. Os Dogon sem dúvida expressaram esse nominalismo da forma mais evidente; nos rituais constatamos em toda parte que o nome é a coisa, e que "dizer" é "fazer". (J. Vansina, A cor da Cultura)

A tradição oral foi definida como um testemunho transmitido oralmente de uma geração à outra. Suas características particulares são o verbalismo e sua maneira de transmissão, na qual difere das fontes escritas. Devido à sua complexidade, não é fácil encontrar uma definição para tradição oral que dê conta de todos os seus aspectos.

J. Vansina (A cor da Cultura)